5.º ANO — LISBOA—SABADO, 17 DE OUTUBRO DE 1925 — N.º 1389

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195
Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

A CARTA que vai lêr-se foi dirigida pelo sr. Robert Williams ao sr. ministro dos Estrangeiros, a proposito duma entrevista que o sr. Freire de Andrade concedeu ao *Diario de Lisboa*.

Dizia-se nela que um empregado superior do Caminho de Ferro de Benguela tinha agravado Portugal, fazendo declarações falsas acerca da nossa colonisação em Angola—declaracões que figuravam no «Relatorio Ross».

O sr. Williams restabelece a verdade dos factos, conformando-se com as suas explicações o sr. Freire de Andrade, como se deduz duma carta da sua autoria que ontem inserimos.

O *Diario de Lisboa* tem o maximo prazer de contribuir, na medida das suas forças, para que o sr. Robert Williams seja tido como um amigo de Portugal, sobretudo se reconhecer a justiça das reclamações da provincia de Angola, na reacendida questão do Caminho de Ferro de Benguela, que prometemos não deixar esmorecer.

S. ex.ª dr. Vasco Borges, ministro dos Negocios Estrangeiros

Excelencia:—Foi com grande surpreza que li a entrevista concedida pelo general Freire de Andrade, em 12 do corrente, ao representante do *Diario de Lisboa*. Segundo ali se diz o general teria declarado que, antes que qualquer ulterior concessão seja dada á Companhia de Caminhos de Ferro de Benguela, eu deveria fazer um inquerito a respeito das declarações dum pretenso «agente» meu, mencionado no relatorio Ross.

O general parece pois ter lido uma «declação do sr. E., membro do «Railway Executive» da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela».

Vejo-me absolutamente impossibitado de identificar qualquer sr. E. entre os empregados da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, e as declarações feitas por ele, segundo as minhas informações, são absolutamente inexactas.

Posso ainda observar que até ao momento em que li na imprensa inglesa um extracto do relatorio do professor americano Ross, eu ignorava a existencia deste senhor.

Para mostrar como o general Freire de Andrade foi completamente induzido em erro, quanto aos factos actuais relativos ao assunto, desejo chamar a sua atenção para o incluso artigo do «*African World*», de 29 de Agosto ultimo, que publica uma entrevista concedida ao *Rand Daily Mail* por um dos meus proprios empregados, o sr. Neeser, contradizendo as alegações do professor Ross e salientando que os indigenas de Angola são extremamente bem tratados pelos funcionarios portugueses.

Posso dizer que, por observações pessoais, feitas durante a minha viagem em Angola, em 1923, e por todas as declarações que ouvi dos meus proprios empregados, os indigenas daquela região são muito humanamente tratados pelas autoridades portuguesas.

Tenho a honra de ser, etc.—(a) *Robert Williams,*

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* foi o primeiro jornal português que recebeu da Russia uma serie de cronicas sobre os aspectos ignorados que a vida revestiu na antiga terra dos czares, depois da revolução bolchevista, hoje em maré de depuração economica, social e politica.

O dr. Paulo Torres, distinto poeta brasileiro, redactor-viajante de *O Globo*, o modernissimo diario fundado pelo saudoso Ireneu Marinho, quiz ser o nosso enviado especial.

Do valor dos seus trabalhos já os nossos leitores julgaram, lendo-os, na nossa setima pagina, assinados com o pseudonimo de *Guarany*.

Não duvidamos que os restantes serão recebidos com o mesmo agrado e simpatia.

NA RUSSIA DOS "SOVIETS"

MOSCOW—Setembro—O electrico, marginando o rio Moscowa, veio justamente parar proximo da praia onde o povo de Moscow tem por habito banhar-se aos domingos.

Pokrowsky-Strechnevo—a praia dos banhos.

Do alto, uma especie de cais flutuante e um «cabaret» multi-colôrmente decorado e cheio dos sons de uma orquestra frenética e moderna: aí fica a platéa.

O palco é um baixo, sobre as areias da praia.

Um «papo seco» enlouqueceria aqui!

O posto balneario é dividido em três partes. A do centro, para homens e mulheres, vestidos apenas de um calção e nús da cintura para cima. As restantes divisões são, uma para banhistas do sexo feminino, e outra para os homens. Nesses dois ultimos compartimentos os amadores banham-se completamente despidos.

Lembrei-me da historia grega: os banhos spartanos.

Instintivamente voltei meus olhos para a parte da praia onde estão as mulheres, algumas das quais lindissimas. Encontram-se aqui tipos variados. As branquissimas e de cabelos louros predominam. Corpos finos e elasticos, seios spequenos e rijos, lá estão elas, despreocupadas e sem a menor malicia, a abraçar-se e a praticar exercicios de ritmos coreograficos. Saltam, correm, abrem os braços em cruz, desarticulam os corpos, completamente esquecidas de que estão despidas e de que na praia, além de russos, ha tambem estrangeiros tropicais...

E' assim o domingo nas praias de banhos.

* * *

Para não passar por burguez, vesti minha roupa mais velha e fui sem colarinho á missa.

Fui a uma das 1596 igrejas de Moscow, cujos zimborios verdes, vermelhos, cinzentos e dourados, de surpreza, atacados pelo sol, transformam-se em espelhos coloridos, produzindo um espectaculo decorativamente deslumbrante.

Os sinos que dormiam silenciosos até agora, despertaram e enlouqueceram de repente e estão soando, repicando, bimbalhando, numa orgia vertiginosa de sons, seduzindo á prece camponeses, soldados e operarios.

Gostaria de tornar a visitar a catedral de Inverno, a sua «Risniza» cheia de preciosidades e riquezas, a imagem da Virgem de Krasau e o seu baixo relevo, figurando S. Jorge a vencer o dragão.

Hoje é impossivel e contento-me em, respeitosamente, ajoelhear-me no chão da capela de Iverskaya-Ichasovinya e, em silencio, sem uma palavra, fazer preces com o meu pensamento, enquanto o oficiante, no altar, pronuncia palavras, para mim, perfeitamente hieroglificas.

A capela está repleta de crentes.

A liberdade religiosa é absoluta na Russia.

* * *

Depois de uma lindissima e sonora missa, só mesmo um delicioso almoço quasi espiritual.

Tenho sêde das aguas de minas do Caucaso e fome dos filigranados legumes de Riazan — pequena cidade ao lado de Moscow.

Vou a um dos muitos «restaurants» do Estado.

Ha «maitres-d'hotel» de «smoking».

Na sala circular, as mesas circulares estão á espera dos clientes.

Uma orquestra ensurdecedora e movimentada, executa trechos magnificos e melodiosos.

Lá fóra, anda o frio a bailar pela cidade.

Fecharam a sala e acenderam as luzes.

Ao centro do tecto, o lustre iluminado, parece uma imperial corôa de diamantes.

Uma hora: vêm chegando os fregueses. Operarios, estadistas, artistas e camponezes, democraticamente, vão passando uns pelos outros. A's vezes uma saudação:

«Dô-brêutra camarada»—é um operario cumprimentando o Presidente da União dos Sovietes (Bons dias, camarada).

«Kudavê idiótie, camarada»? (onde vais camarada?)—é um camponez dirigindo-se a stalin...

Grande democracia!

* * *

O moscowita é ironico e mordaz. Os ditos andam de boca em boca.

A oposição ao governo cria historias satyricas aos milhares.

Uma das mais conhecidas e que tem piada é a que se refere ao Embaixador Krassine, no periodo das concessões.

«Trotzky pregunta lhe, quando do seu regresso de Londres, onde fôra dirigir as primeiras negociações comerciais com o Governo Britanico: «então, camarada, de Londres sempre me escrevias dando optimas noticias sobre as concessões inglesas e, agora, aqui em Moscow, nada dizes, aparentas desanimo?

«E' simples, fala Krassine, e responder-te-hei com uma anecdota de judeus: «Uma mulher muito feia, abandonada pelo marido, enviou sua criada ao padre, pedindo-lhe dissesse quando voltaria o esposo. «Na Pascoa—respondeu o sacerdote. A criada repete a resposta á patroa e ajunta: «Não, ele não voltará.» Passada a Pascoa, sem que voltasse o fugitivo marido, como da vez anterior, envia novamente a criada ao rabino. «No Ano Novo»—é resposta. «Disse-me que será no Ano Novo, mas não é possivel»—adianta a criada. «Porque sempre andas a contradizer o sacerdote?»—pergunta a patroa. «E' que quando ele fa'a, não a vê, e quando lhe reproduzo o recado, tenho-a diante dos meus olhos»—diz a criada.—Da mesma maneira—conclue Krassine—de longe tinha esperanças; mas quando estamos em Moscou e vemos como andam as coisas aqui, só se respondendo como a criada...»

Marx, Lenine, Trotsky, Kamenew—pobres!—de quantas historias serão os herois?!

* * *

O meu amigo Ivatzknof, o escritor mais popular em Moscow, depois de Gorky e Babel, levou me a uma casa de chá, proximo do Automovel-Club.

O grande salão é dividido em duas partes, de um lado as senhoras feias e idosas, do outro as jovens e lindas moscowitas.

«E como se fazer a separação—perguntarás leitor—se não ha mulher que se julgue nem feia, nem idosa?»

Da maneira mais simples possivel: de um lado só entram damas acompanhadas de cavalheiros e, ajunte-se a isso, os russos têm muito bom gosto..

—Repare—disse-me Ivatzknof—daquele lado todas nos olhos e que diferença desta parte!...

—E' verdade.

—Mais uma vez fica provado que o caminho do «inferno» é muito mais facil que o do «céu»...

Guarany

A *ACTION FRANÇAISE*, de 15 do corrente, hoje chegada a Lisboa, publica a seguinte nota sobre o telegrama de Mussolini e Baldwin, que o mesmo jornal, na vespera, fôra o unico a publicar, e á volta do qual toda a imprensa francesa, mesmo a de grande informação, continua a guarder completo silencio:

«O telegrama que o sr. Mussolini teria enviado ao sr. Baldwin, e do qual nós publicámos ontem o texto, *graças a informações colhidas em muito boa fonte*, provocou uma grande emoção em todos os meios politicos.

A maior parte dos nossos confrades da tarde procuraram imediatamente obter uma confirmação ou um desmentido das agencias e das embaixadas italianas e inglesas. Até á hora, porém, do nosso jornal entrar na maquina, não foi publicado qualquer desmentido. Quando o sr. Ramsay Macdonald se entregou, como primeiro ministro trabalhista, a certos ataques contra o fascismo e contra o presidente do conselho italiano, toda a opinião italiana se impressionou e o sr. Mussolini replicou vigorosamente. Como poderiam novas censuras, saídas da boca dum outro Primeiro inglês, *e este conservador*, deixar de provocar um descontentamento ainda mais vivo da parte do povo italiano e do seu governo?

Tudo leva a crer, pois, que o telegrama de Mussolini seja verdadeiro, e todos os que dele tiveram conhecimento, e repararam nos termos violentos em que foi redigido, aguardam a resposta que a Inglaterra, por intermedio do sr. Baldwin, lhe dará. Qual será ela?

* * *

A OBRA de assistencia infantil em que anda empenhada a Camara Municipal de Lisboa só merece as simpatias e aplausos do publico.

Alexandre Ferreira, que a tem inspirado e dirigido, mostra-nos assim que as ideias generosas, quando servidas por vontades esclarecidas e decididas, não morrem de inanição.

Os banhos de mar a 6:000 crianças, a obra dos lactarios, tão benemerita, as excursões escolares em que tomaram parte 2:400 pequenos e a colonia de férias que, durante dois meses, se instalou na Quinta de Santo Eloi, em Paiã, marcam o inicio de uma grande cruzada em defesa da nossa raça, tão desajudada no que respeita á protecção da infancia pobre.

E' necessario, porém, que, no inverno, não se percam os excelentes frutos colhidos no verão e no outono.

Não se poderão manter em prol dos desprotegidos—durante a mais dura e perigosa das estações—os cuidados de que eles carecem, a fim de que a doença, a miseria e, tantas vezes, o abandono moral não exerçam sôbre eles a sua acção nefasta?

* * *

A BRILHANTE poetiza sr.ª D. Oliva Guerra ia sendo vitima de um grave desastre, na praia da Parede. As ondas, que, por vezes, têm inspirações colericas, á hora do banho, arrebataram a autora das *Espirituais*, que teria perecido se não fosse o gesto decidido e voluntario do banheiro Francisco da Fonseca, que se lançou, nobremente, ao mar, salvando-a.

Não podendo nós, como Artaxerxes, flagelar o oceano traiçoeiro, limitamo-nos a pedir á sr.ª D. Oliva Guerra, a quem sinceramente felicitamos, que ponha em verso as suas dolorosas emoções, criando assim uma obra mais forte do que o seu raivoso inimigo — o mâr.

A policia

Impõe-se uma remodelação

Desde os meus tempos de criança, sempre ouvi dizer: «o cão é o espelho do dono».

Querem as pessoas que usam esta frase como significando imagem, que, o animal referido, pelos seus dotes de maior ou menor obediencia e educação, reflecte as garantias de cordura e linha, lealdade e cavalheirismo, do seu proprietario.

Se em parte podemos ajuizar que assim seja, a regra não existe e muitos cães são antitese da contumáz educação e nobreza dos donos.

Basta o convivio com outros elementos, para alterar essa obediencia e dedicação maxima que vêmos em tais animais, e conhecemos em muitos que já nos foram pertença.

Que eu tenho pelo cão um culto muito grande!...

Ora outro dia, um amigo viajado, dos muitos que ai se cruzam comigo nos largos e ruas de Lisboa, e do que lá fóra se pratica têm largos conhecimentos, dizia, parafraseando aquela citação acima, que a policia em Portugal era o espelho da população e assim na provincia de uma bondade que toca os limites da resignação e em Lisboa ultrapassando os que são de aceitar em gente educada.

Não que entre a colectividade fôsse dificil encontrar elementos de cordura e bondade, mas porque o circulo em que vicejam é de natureza pessimo e mal preparado.

* * *

A policia em Portugal enferma de vicios tremendos que herdou da Monarquia. Certamente porque no antigo regimen as liberdades publicas não haviam caminhado com trajectoria tão rutilante como querem convencer hoje os que as apresentam, pois manteve sempre envolta num veu tenebroso a educação policial. Depois do novo regimen ser implantado, diversas são as vezes e muitas por sinal, se leu nos jornais, que a remodelação vai fazer-se em condições de tal grandeza que, finalmente, o grande alicerce da educação popular fica tendo uma base de respeito e elevação que por seu turno torna elevado e respeitoso o povo.

Porém, todos temos visto, essa reforma não se faz e o policia continua sendo recrutado em condições de inferioridade mental que depõe contra Lisboa e de que Lisboa culpa alguma tem.

São frequentes os conflitos e a invasão dos poderes tambem frequentemente se efectua, porque chega a envergonhar-nos a pouca cultura do policia e a rudimentar base de que o mesmo usa para resolver um caso de rua.

Conhecemos todos nós, pelo menos um dos policias que para ai giram, conhecimento este não apenas da sua qualidade de mantenedor da ordem, mas da sua estrutura mental de cidadão.

Pois não minto, afirmando, porque o posso fazer, que têm sido, e creio que ainda hoje são policias, homens que mal sabem lêr, que não escrevem três palavras sem erros tremendos, que não conhecem os ditames da honra, que bebem assustadoramente, que, emfim, são elementos da desordem.

Podemos nós todos estar sujeitos a esse miseravel aspecto de ter como mentores do nosso civismo creaturas que nem a simples palavra civica sabem traduzir?

* * *

A remodelação policial impõe-se e cada dia que passa é mais uma acha na grande fogueira revoltosa que arde entre pessoas que se presam.

Pagam-lhe mal? Não aparecem homens que queiram o logar? A espinhosa missão só póde executar-se com homens que não compreendem o gravame duma posição onde a consideração não existe? Não o creio.

O povo de Portugal é bom e é sobretudo assimilador rapido das vantagens duma moral doce. Tão depressa apreende o mal como o bem, questão apenas de verificar que a lei é a lei e se fez para ser respeitada, por todos. As continuas provas que do alto são dadas esfarrapando direitos, é que criam o ambiente pessimo de onde saem os gritos de vingança.

Mas bem depressa, porque as funções são bem distintas, este bom povo de Lisboa se habituaria a respeitar o policia, se este fosse recrutado entre gente que mostrasse conhecer o civismo e o respeito mutuo.

Todos esses homens pessoalmente honestos e bons que formam hoje o corpo de policia, poderiam continuar tal qual continúa na caserna o soldado bisonho que da serra desce á cidade para representar a ordem. Simplesmente o policiamento propriamente dito, numa cidade como esta, que se propõe seguir os grandes passos de turismo das capitais estrangeiras, seria entregue a cidadãos no estreito sentido da palavra, sabendo português e moral, francês, ginastica, inglês e correcção, que tão depressa podessem transformar-se em pedintes como em «gentlemans», numa continua compreensão dos meios e do respeito por todos nós.

* * *

Resta neste pequeno desabafo falar na policia de transito.

Faça-se ou não a remodelação completa daquela a que me refiro, o que não póde continuar por mais tempo é a ausencia desta secção nos logares em que vive o homem educado.

~~As senhoras são rudemente maltratadas, pela lingua e~~ pelo gesto, por individuos com gravata mas sem moral, isto na frente dum policia que ainda ajuda rindo e... caminhando.

As peixeiras em todas as arterias e no mais aceso dos movimentos permitem-se amabilidades e encontrões, e toda a qualidade de carroceçes dão impressão bem diversa do estofo moral do português.

E' preciso criar este corpo, mas imediatamente, por maneira a terminar com o estado selvagem que para aí ulula.

A menos que, repetindo o que digo a muitos compatriotas que regressam de Africa, seja preferivel viver lá com pretos civilisados do que aqui com brancos de penas na cabeça.—*Alvaro Neto.*

CARTAZ

TEATROS

Apolo=A's 21,15=«O Saltimbanco».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios=A's 9=Companhia de circo.
Salão Foz=A's 14,30 e 20,30=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.
Solar da Alegria=Variedades todas as noites.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Segundas, Quartas e Quintas.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

POR TERRAS BRAZILEIRAS

A imprensa BRAZILEIRA recebeu com carinho o enviado do "Diario de Lisboa,, e os representantes dos outros jornais

20 DE SETEMBRO.—Estou escrevendo no «hall» do sumptuoso Palace Hotel do Rio de Janeiro, onde o Orfeon Academico de Lisboa e a Tuna Academica de Coimbra hospedaram os jornalistas que os acompanham e que são, além do modesto autor destas linhas, Antonio Ferro, Cristovam Ayres e Gastão de Bettencourt. Encontram-se aqui tambem o distinto lente da cadeira de Estudos Brasileiros em Lisboa e ilustre escritor, dr. Manuel de Sousa Pinto, que veiu com o Orfeon; a notavel e gentilissima poetisa D. Fernanda de Castro, esposa de Antonio Ferro, e o filhinho de ambos, o encantador e endiabrado Antonio Gabriel, o «Toné», como todos o conhecemos, que sabe os nomes dos estudantes de Coimbra, um por um, adora todos e por todos é adorado e faz uns olhos maus de que nós fugimos apavorados... para o fazer rir e para o não devorarmos com beijos.

Antonio Ferro é alguem aqui no Brasil, como de resto em Portugal, onde a sua individualidade se afirma dia a dia como a de um dos novos de maior valor da geração moderna.

A sua passagem pelo Rio e por S. Paulo, ha três anos, fixou sobre ele todas as atenções da gente moça das terras de Santa Cruz. Todos o conhecem e ele conhece todos. E dá entrevistas para os jornais, retratos para as revistas, abraços para a direita e para a esquerda, pensamentos para os albuns, dedicatorias para livros, excerptos de conferencias para a imprensa, etc., etc.

Antonio Ferro tem feito uma viagem triunfal. E se não me fosse tambem muito agradavel constata-lo como admirador do seu talento possante e original, fa-lo-ia como amigo sincero e enternecido d'esse excelente e leal camarada, que soube conquistar em pouco tempo o coração de todos que com ele vieram neste por ele muito bem chamado novo «raid» das azas negras.

Cristovam Ayres, alegre como um estudante, o mais moço deles todos, jornalista brilhantissimo e esplendido colega, com a alma envolta numa capa de alegria gárrula e comunicativa, conta-nos—a nós e a quantos passam em cem metros ao redor—os grandes triunfos da rapaziada do Orfeon, não só nos saraus que deu no Rio de Janeiro, como tambem nas festas particulares para que foram convidados, algumas nas casas das familias mais distintas da Capital Federal, onde os estudantes lisboetas cativaram a sociedade fluminense pela sua correcção, pelo seu porte distinto e pela graça simples e encantadora das suas cantigas, das suas guitarradas, das suas danças e da sua conversa.

Noutra mesa, Gastão de Betencourt fala de musica. E, a proposito, faz o elogio do maestro Herminio do Nascimento, para quem vão sempre muitos dos aplausos que o Orfeon Academico tem colhido nos espectaculos já realisados.

Manuel de Sousa Pinto, um «gentleman» em toda a acepção da palavra, foi recebido aqui com as deferencias devidas ao seu nome ilustre e á missão de que veiu investido.

Com a Tuna de Coimbra veiu tambem o distinto professor dr. Pedro Fazenda, nome sobejamente conhecido em Portugal e a que o Brasil tem prestado a homenagem da sua admiração e da sua simpatia.

Quanto ao apagado autor desta cronica, escrita sobre o joelho, momentos antes da partida do vapor, se o seu nome, por si só, de nada vale, a honrosa missão que trouxe ao Brasil de representante do *Diario de Lisboa* e do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, tem-lhe consentido viver algumas horas do mais encantador convivio e da mais afectuosa camaradagem.

Em todos os jornais do Rio, como aliás nos das outras terras do Brasil, o acolhimento que me tem sido dispensado valeria por si só o sacrificio de abandonar por tanto tempo a Patria, a familia e os amigos.

O abraço que o nosso Sindicato e os rapazes do *Diario de Lisboa* me encarregaram de dar, em nome dos jornalistas portugueses, aos jornalistas brasileiros, tem-me sido sempre retribuido, acompanhado das palavras mais amaveis e mais carinhosas, para quantos mourejam por aí nas duras lides da imprensa.

E ha tanta sinceridade, tão generosa e cativante gentileza nas expressões amigas dos nossos camaradas brasileiros, que eu confesso muito á puridade: dentro de qualquer redacção desta boa terra sinto menos vivas e menos angustiosas as saudades de Portugal e de vocês todos.

—Esteja aqui como em sua casa, dizem-me eles, com um grande e belo sorriso de simpatia.

A cada passo se fala das cronicas scintilantes de Norberto de Araujo, na frase de um jornalista brasileiro um grande poeta que escreve em prosa da melhor as emoções de cada minuto que passa; da magnifica reportagem do «raid» de Gago e Sacadura, feita pelo Norberto Lopes, que tem aqui, como merece, um grande publico e um numero infinito de simpatias; dos versos e das cronicas do Mario Salgueiro, o nosso bom e talentoso Salgueiro, que se parece com Cristo, dizem os nossos camaradas do Brasil, nas barbas, na simplicidade e na doçura da sua voz, da sua alma e do seu talento; da vivacidade irrequieta e simpatica de Acurcio Pereira, um profissional do jornalismo que se imporia em qualquer parte do mundo, etc., etc.

Os jornalistas brasileiros não poupam os elogios aos seus camaradas portugueses. E não é porque entre eles, como noutra cronica direi, não existam alguns dos espiritos mais brilhantes e mais atraentes da imprensa moderna, mas exactamente porque não precisam diminuir o valor alheio para afirmarem o seu, real e incontestavel, e comprovado dia a dia nas paginas dos jornais deste país, que são, sem lisonja nem amabilidade banal, dos mais completos e mais brilhantes de todo o mundo, no seu primoroso serviço telegrafico, nas suas scintilantes cronicas literarias, nos seus impecaveis artigos de fundo, nas suas «blagues» deliciosas de humorismo e de levesa e nas suas reportagens sensacionais, que constantemente dão brado e marcam com inimitavel fulgor o talento, o «savoir-faire» e a maravilhosa intuição desta boa e leal rapaziada que trabalha nos jornais do Brasil.

José Paulo da Camara

A alimentação propria e higienica

Fornece-se em autenticas refeições aos domicilios na
ÉMPRESA CULINARIA LISBONENSE
Avenida da Republica, 49—A. B. C.—Telef. N-3146
Atende-se a todos os pedidos desde a P. Marquês de Pombal ou C. Grande e imediações

Dr. José de Padua
Consultas das 3 ás 5 h.
Coração e pulmões—Raios X—Avenida, 18

MOBILIAS Esmerada fabricação SOUSA E BRITO 182, Rua da Rosa, 190

Negocio vantajoso
Pensão especial bem mobilada, com grande terraço e jardim e bem acreditada, trespassa-se. Rua Francisco Sanches, 158, 1.º

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa da Figueira, D. Laura Gosta Macedo, D. Maria Teresa de Melo e Costa da Camara (Ribeira Grande), D. Alice Valente de Almeida e D. Maria Alice Martins Sousa.

E os srs.:

D. Filipe de Noronha, Francisco de Novais da Cunha e Brito Souto Maior e Atayde, Alfredo de Saldanha Marreca, Antonio Machado de Mendia, Antonio Bandeira, José Lourenço da Luz (Coruche) e Alexandre de Paiva da Costa Brandão.

E depois de ámanhã as senhoras:

D. Maria Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena (Pombal), D. Albana de Sommer Osorio, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Eugenia Teles da Silva (Tarouca), D. Luiza Moreira de Almeida, D. Maria Carolina Leite Pereira de Abreu e Sousa, D. Luiza de Bragança (Lafões), D. Maria Amelia Vieira de Mendonça Belo, D. Maria Barbosa de Matos Chaves e mademoiselle Odete Correia da Mota.

E os srs.:

Conde de Estarreja, D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo e Vimioso), D. Antonio Manuel (Atalaia), D. Domingos de Sousa Coutinho, dr. Camilo de Azevedo Castelo Branco, Ruy Vaz de Siqueira (S. Martinho), Manuel de Ortigão Burnay, Angelo Valado Pinto, Filipe José de Almeida de Vilhena e Casimiro Teles Guedes.

No Estoril

Continua aberta a inscrição para a prova do Torneio de Espada que se realisa no Parque do Estoril no dia 18.

Os assaltos começam ás 3 horas da tarde e devem estar terminados ás 6 horas, pois que são a eliminar, quer dizer, cada atirador derrotado ao primeiro assalto é imediatamente excluido, excepto no final, que será feita por assaltos entre todos os atiradores apurados.

Estão inscritos até agora os seguintes esgrimistas:

Antonio Olivais, Jaime de Carvalho, A. Cunha Pinto, Manuel F. Pressler, D. Pedro Santos, D. Antonio Belas, Manuel F. dos Santos, Manuel Pinheiro Chagas, dr. Ruy Mayer, dr. Mario Vieira, dr. Rodrigo Ayres, João Sassetti, Jorge Gomes Lemos, Pedro de Almeida Lima, Mario Gouveia Homem, Joel C. Pereira, Antonio Marques Pereira, Eduardo de Oliveira, Samuel Pessoa, Fernando Costa, Carlos de Saraga e Virgilio Barroso.

Os premios desta prova, assim como os das provas de natação do dia 11 de outubro, serão distribuidos durante o chá dançante que se realisa nessa mesma tarde, que é fornecido pela casa Garrett e no qual tocará o seu afamado «jazz-band».

Em viagem

Regressou de Vila Nova de Oliveirinha o sr. Luis Borges Bandeira de Melo e sua familia.

—De Tarouca regressou a Coimbra o sr. Eduardo de Tavares Pereira de Gouveia.

—A Castelo Branco regressou da Praia da Granja o sr. Gonçalo de Almeida Garrett.

—Partiu de Vila Cortez da Serra para a Guarda o sr. Alexandre Gomes de Almeida.

—Regressou do Monte Estoril, com sua esposa e filhos, o sr. D. Vasco Bramão.

—Partiu para Cintra o sr. Inacio de Lemos Seixas de Castelo Branco.

—A Coimbra regressou do Carregal do Sal o sr. José Antunes dos Reis.

—Regressou de Belas a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva.

—Parte hoje para Riachos (Torres Novas), de visita a sua filha e genro, a sr.ª D. Cristina de Mello Manuel Bordallo Pinheiro.

—Regressou de Biarritz, com sua interessante filha D. Palmira, a sr.ª D. Palmira Navarro Viana Basto.

—Do estrangeiro regressou a Lisboa a sr.ª condessa de Serra de Tourega.

—Parte por estes dias para Paris o sr. Armando da Camara Rodrigues.

Espectaculos de Arte

Esmeraldita em pleno sucesso no «Alster Pavilion»

O magnifico *cabaret Alster Pavilion*, que não tem rival em Lisboa, apresenta no seu cartaz algumas das maiores notabilidades artisticas.

Os seus numeros de variedades são esplendidos. Todas as noites eles triunfam, fazendo delirar o publico de entusiasmo e alegria.

Esmeraldita, espanhola castiça, sangue rubro, boca de versos, olhos languidos, é uma formosa bailarina e coupletista. O seu trabalho é um encanto. Os seus numeros são sempre aplaudidos delirantemente. Ninguem como ela sabe articular com intuição, um *couplet*, dando-lhe um belo sentido de graça e de misterio perturbante. Viva, airosa, esbelta, bela bandeira de alegria — Esmeraldita é bem uma linda e valiosa esmeralda, arrancada do céu estrelado da arte espanhola.

O *Alster Pavilion*, que esta em pleno sucesso, batendo todos os elencos de Lisboa, é aquele que reune o publico mais seleccionado.

COLISEU
HOJE—ás 21 horas (9 da noite)—HOJE
Grande Companhia de Circo
Amanhã
GRANDIOSA MATINÉE
Bilhetes á venda

A FREIRA DE BEJA

O prefacio que Matos Sequeira

escreveu para a nova edição

das "Cartas de Amor,,

de Sóror Mariana

ao Cavalheiro de Chamilly

transcreve-se abaixo

Soror Mariana e Santa Thereza de Jesus são duas chamas desiguais da mesma alma amorosa e romantica. A primeira é a saudede portuguesa; a segunda é a paixão castelhana, forte, dura e sensual. Soror Mariana chora no seu convento e filtra as lagrimas em cartas magoadas, que não vão além do seu captiveiro. Santa Tereza do Jesus, patetica de loucura, tão mistica que o seu sangue tem lavas impetuosas de ardores profanos esmaga a dôr em abraços e extases suplicantes e humanos.

Uma—é a alma, o adeus, a renuncia. A outra—é a carne, a paixão, os sentidos. Soror Mariana é um tema eterno. As suas cinco cartas de amor são as mais belas que se teem escripto em lingua portuguesa. Nunca a palavra foi acorde, soluço, aroma, beijo, aza, petala, sorriso, silencio, tristeza, magoa, queixa, saudade! — como nas cartas da religiosa do convento da Conceição, em Beja, que foram agora reimpressas, uma linda e monumental edição da Livraria Rodrigues. Matos Sequeira, brilhante escritor e o mais belo evocador das coisas e belesas distantes do passado, escreveu o admiravel e luminoso prefacio, que abaixo transcrevemos. Alberto de Sousa, um dos nossos primeiros artistas, deu á obra o seu nome, numa série de maravilhosas aguarelas, inexcediveis de graça, de côr e de transparencia.

Soror Mariana Alcoforado, cujas cartas admiraveis agora de novo se publicam, acompanhadas de preciosas ilustrações, onde os olhos dos leitores acharão ensejos para uma invocação mais perfeita, falando-lhes á imaginativa pela voz persuasiva do desenho e da côr, é de ha muito uma das grandes figuras da literatura portuguesa, tanto mais notavel quanto esta é pobre em tal feição literaria que mal pôde sobrenadar á cachoada de eruditismos despenhados das celas conventuais e á espuma espessa e copiosa do gongorismo artificioso.

O genero epistolar, como o das «Memorias» e «Anto-biografias», foi planta que nos seculos XVII e XVIII raro conseguiu brotar entre as radiculas entresachadas do escalracho fradesco e academico. Salvo as cartas de D. Francisco Manuel e as do Cavalheiro de Oliveira, as restantes ouriçam-se de doutrina politica ou de misticismos claustrais, quando não desbancam em ameijoadas fesceninas rescendentes a amorios de sujissimo contrabando, como as de D. Feliciana de Milão, Frei Pedro de Sá e Frei Simão de Santa Catarina.

Em meio desta produtividade epistolar sem elevação nem beleza, apenas documentalmente util para o estudo da sociedade em que se gerou, as cinco cartas, os cinco poemas da freira de Beja, são como estrelas resplendendo e irradiando a propria luz interior entre chamas de candeias, vivendo do oleo gorduroso de uma baixa sensualidade. As cartas de Mariana Alcoforado constituem no nosso patrimonio literario um monumento de excepcional relevo e de soberana formosura. Tão humanas são, tanto nelas se reflecte o sentimento e a desilusão, o orgulho ofendido e a ternura rescendente de amavios inéditos, o desespero e a resignação, na flagrante inconsequencia dos impulsos da paixão que a devorava, sem artificios de linguagem nem arrebiques preciosos de estilo, que dir-se-ía ter sido o coração de Mariana uma sintese maravilhosa de todos os corações enamorados e proíbidos de amar, de todos os corações romanticos e sensiveis de amorosas enclausuradas, a ultima das quais bem poderia ter sido, se a realidade a produzisse e não a imaginativa do romancista, aquela sofredora e apaixonada «Tereza» do «Amor de Perdição».

As cartas da freira de Beja, assoalhadas por Barbin, em 1669, na côrte galante de Luiz XIV deviam de ter cavado um abismo de assombros, habituadas como estavam as parisienses da côrte do Rei-Sol aos preciosismos das cartinhas literariamente pérfidas e mundanas que se multiplicavam nas alcovas azues e côr de rosa, cheias de frivolidades e redundancias que então marcavam como alta expressão do bom gosto literario. Aquelas singelissimas frases, que lagrimas sinceras deviam pontuar, formando-se os periodos de cada estremeção de dôr ou de esperança e não de cada cuidado de estilo, escritas para convencer e não para «agradar», onde lateja o sangue alvoroçado pela duvida ou vibram os nervos crispados pela desesperação, onde não ha a preocupação de deslumbrar pela fórma, eram tão estranhas á sensibilidade dos salões de Paris que logo se teria por certa a providencia estranha. E a religiosa portuguesa, essa freirinha de um convento longinquo perdido em terras barbaras para a secular e galantissima ignorancia francesa, onde o sentimentalismo ainda asim podia existir e manifestar-se, foi ent..o invejada, comentada e fantasiada nos «cèrcles» preciosos de Rambouillet e nas camaras doiradas das régias amazias e das grandes damas, forjando-se á roda da sua sombra imprecisa uma auréola de conjecturas que lhe coroava a fronte a essa hora, talvez, pendida diante de um altar numa crise de lagrimas, ou agarrada, como a táboa ultima de salvação, á irmanzinha que criara como mãe e que — quem sabe! — tendo-lhe despertado, precocemente, a necessidade do amor maternal lhe preparara o coração para melhor saber amar e para mais apaixonadamente poder sofrer.

* * *

Soror Mariana Alcoforado dado que não tivesse existido e que a sua obra fôsse tão sómente uma mistificação literaria, teria então passado para dentro da realidade, tão estupenda fôra a ficção que lograra interpretar em cinco cartas, numa formidavel sintese, o sentimento feminino das apaixonadas do claustro, cujo amor era represado e contido pelas grades e pela ignorancia, pela «regra» das Ordens e pelos muros dos mosteiros, mas que, quando o misticismo lhes não era suficiente e o amor divino não lograva manter-lhe o engano, irrompia, como impetuoso caudal, desarraigando ficções e dogmas, abalando principios, desafiando preconceitos misticos até se apossar completamente das almas que aturdidas se deixavam arrebatar.

Se ela não tivesse existido, existiria desde esse momento porque houvera um criador humano que topetara com a divindade, arrancando ao barro da vida esse abençoado coração de mulher que sentiu e soube dizer como sentiu, desfazendo-se em queixumes e lastimas, em conformidades e em imprecações, destruindo-se para que o seu amor resplandecesse, como o tronco ressequido se desfaz generosamente, no fogo, em parcelas de luz consumindo-se inteiramente só para aquecer e alumiar.

Sobre a sua figura de amorosa e de sacrificada nunca tombou a aspereza de um anátema ás liberdades conventuais, tanto a miude caído sobre as aventuras das Bernardas de Odivelas, nunca ninguem ousou condená-las, jámais alguem tentou apontar-lhe a falta antes de lhe louvar a beleza esplendente do seu sofrimento. E' que a formosura da sua obra a redimiu, é que o seu sacrificio e o seu abandono a purificaram, é que, intimamente, se abençôa a sua fraqueza como origem desse altissimo documento da paixão humana, e é ainda, como conclusão inata do espirito, porque Mariana Alcoforado não pertence á realidade de si mesma e é já da imaginação de todos nós que a revestimos do nosso proprio sentimento e lhe acrescentamos de nós mesmos, esse fluido atractor e maravilhoso que engrandece e spiritualiza as coisas, os factos e as ideias.

Estou em crer que a maioria das figuras que nos apaixonam perderiam parte da beleza de que se aureolam se as quizessemos repôr na sua primitiva e original nudez. Quando a critica historica começa a desenroupar, alijando o que é da lenda e procurando investigar da estructura intima, arrisca-se o interesse a perder-se de todo. O que dá grandeza e beleza, volume e estatura a essas figuras é o que sobre elas criaram, fantasiaram e sentiram as gerações que vieram depois, revestindo-as do sentimento e da fórma como as entenderam; e, assim, cada uma delas aparece-nos agora enriquecida dessas lendas que não são mais do que essa interpretação acumulada, constituindo a doiradura e a patina da propria realidade. Se despojassemos Inês de Castro da interpretação sentimental de vinte gerações, a que minguada carcassa a reduziriamos, e como nos pareceria insignificante e vulgar, a «misera e mesquinha» que o sentimento de alguns seculos ergueu num trono de Beleza.

O que representa a lenda de «Pedro Sem» senão a passagem e o rolamento através de quinhentos anos, de um banal episodio biografico a que se foi agarrando a imaginação popular avolumando-o de conjecturas, hipoteses e fantasmagorias!

Se assim é com factos como este, o que não será quando o coração é chamado com o cérebro a intervir na lenda!

As cartas da freira de Beja com o serem uma soberba realidade literaria, merecedora de mais de um cento e meio de edições desde a de Barbin até esta que agora sai a lume, áparte uma vasta biografia, não perderam o caracter lendario que lhes está adstrito e que permite ainda fantasiar, á larga, á roda da figura de Soror Mariana e daquele a quem foram dirigidas, esse bronco e infatuado Noel Bouton que tem como unica celebridade a de as ter injustamente merecido.

Mais uma vez, perante os olhos compadecidos e belos das mulheres portuguesas irá perpassar a sombra da martirisada religiosa que tendo sobrevivido á sua humilhação e á sua dòr, e acabado octogenaria, reumatizada e trôpega, no seu convento da Conceição, estava verdadeiramente, desde o abandono de Chamilly, sepultada na sua dolorida e miseravel carcassa. Aquela velhinha que arrancou da vida em 1723 cujo óbito foi registado no livro «Das religiosas defuntas» pela madre escrivá que então servia, já não era a amante do capitão de cavalos, enamorado e fanfarrão, infatuado e brilhante que em certo dia escalara o mosteiro no desfastio de uns dias de repouso guerreiro; era tão sómente uma freira como outras muitas, uma ignorada monja cujo corpo sêco e supliciado dos jejuns, disciplinas e vigilias devotas se foi abrigar sob uma lage numerada do claustro.

Mariana, a apaixonada Mariana, a que escrevera as cartas tinha morrido de ha muito. E' essa a que vai agora, de novo, falar aos corações sensiveis, na eloquencia deslumbradora das cinco cartas de amor milagrosamente conservadas. A monja de 83 anos que morreu em Beja é a historia; interessa á inteligencia de poucos. A rapariga de vinte seis anos que as escreveu é o romance; interessa ao coração de todos.

A CHEGADA DO SUD-EXPRESS DE PARIS

Grande motim na estação do Rocio

Hoje, antes da hora habitual da sua chegada, notava-se grande movimento dentro da estação, tendo aumentado a venda de bilhetes de «gare», e quanto mais se aproximava a hora, maior numero de pessoas entrava na «gare», a tal ponto que o chefe da estação teve de mandar empregados fazer o serviço de policia e assim evitar o impedimento da saída de outros combolos.

Ainda o Sud-Express não tinha saído o tunel, já se ouvia grande algazarra na «gare», não sendo possivel conter a grande massa humana que quasi impediu a entrada do Sud-Express.

A muito custo e com grande espanto dos maquinistas e de todos os passageiros, conseguiram aqueles fazer parar a locomotiva no local do costume.

Uma vez parado o combolo, mais se acentuaram os gritos da granda multidão, e a tal ponto que o chefe teve de recorrer ao Quartel do Carmo e requisitar uma força da guarda para a conter.

Ninguem compreendia o motivo de tal movimento, aumentando os gritos á chegada da força.

Já os soldados engatilhavam as espingardas, quando da grande massa saíu uma voz, que disse:

Sr. Comandante!...

Não viemos aqui para fazer tumulto! Queremos é vêr as malas e carteiras que amanhã expõem Bastos Silva, Limitada, da Rua de S. Nicolau, 81, e que nos constou chegavam hoje de Paris.

Depois disto, o comandante aconselhou-os a que era prudente saírem e amanhã irem vêr a exposição no estabelecimento, visto os artigos correrem perigo de se estragarem por serem verdadeiras maravilhas.

"Os Azes do Sport"
REVISTA SPORTIVA
Sai amanhã o 6.º numero da colecção
com a biografia de
CIPRIANO
(Do S. C. P.)

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
REABRIU O SEU CONSULTORIO
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas —— Telef. Central-535
Residencia Telefone C.-2577

Chá das cinco

Do amor...

Recolheram agrado os pensamentos, paradoxais uns, outros pessimistas, mas todos espirituosos, diferentes, que a respeito do amor, conforme a veia esplendida de Etienne Rey, que ha tempo publicámos. E até parafraseados conseguiram ser! E seguidos depois. Por isso, deitaremos hoje no bule mais algumas folhas do mesmo chá, que não referve... e sempre nalgum travo se distingue.

Sempre se encontram, aqui e acolá, alguns exemplares desta especie quasi desaparecida: a mulher de um só homem.

* * *

Quem fala do inconsciente dá-se ares de crêr que não ha outro dominio que não seja o dos sentimentos turvos, impuros, doentios. No entanto, ha, tambem, um inconsciente do nobre. E a psicoanalise poderia lançar as suas sondas á puresa, em vez de reservar os seus favores para as perversões sexuais.

* * *

O amor é como a chama:—extingue-se desde que cessa de crescer.

* * *

Toma-se muitas vezes o amor doutrem pelo nosso: assim, julgamos estar num comboio em marcha, e é o comboio do lado que partiu.

* * *

O amor nasce e morre de ociosidade.

* * *

As mulheres estão tão transformadas, ha algum tempo a esta parte, e ha tanta anarquia em seu cerebro, que elas tomam, as mais das vezes, a agitação dos seus nervos por sensibilidade e a desordem de seus pensamentos por desejos sexuais.

* * *

A felicidade, na sua passagem, devia trazer um sinal distintivo — qualquer coisa como um uniforme ou como uma condecoração. Era esse o unico meio de a reconhecermos.

* * *

Diogenes passeia sempre com uma lanterna na mão. Mas, diz: «Ando á procura de uma mulher».

* * *

Depois duma disputa, nunca deve ser sobre sentimentos ou direitos que se deve basear uma reconciliação, mas sim sobre pequenos factos insignificantes. Ha ocasiões em que ha mais utilidade em dizer: «Que temos nós para almoçar?» ou então «Mandaste á rua a cadelinha?», do que «Amo-te» ou «Perdôo-te».

* * *

Ama-se, ás vezes, com uma alma que não é a nossa.

* * *

O amor é um combate em que necessariamente tem de haver um vencedor e um vencido.

Versão de

José Parreira

FABRICA ANCORA

FUNDADA EM 1882
Licores, Vignacs e Xaropes sem rivais
As mais altas recompensas:
3 Grands-Prix
Prevenção contra imitações
Deposito Geral
Rua do Alecrim, 32 a 42

AS NOSSAS INICIATIVAS

O interesse popular pela Festa dos Mercados que se realisa nos dias 24 e 25 de Outubro aumenta constantemente

Excede toda a espectativa o interesse pelas Festas dos Mercados, a que a imprensa se vem associando, e marcadas para 23, 24 e 25 deste mês, isto é dentro seis dias.

Tarifa especial nos Caminhos de Ferro

A Companhia Portuguesa estabelece uma tarifa especial nos bilhetes da sua rêde para as Festas de Lisboa, visto que o interesse fóra da capital é grande e justificado.

Os premios grandes

oferecem extraordinarios valores e são uma sugestão para os concursos de lugares e iluminações

A' lista importantissima de premios que ontem publicámos, falta ainda acrescentar alguns valiosissimos, entre os quais o da Companhia do Mercado da Praça da Figueira, da Associação Central da Agricultura, dos Ministros do Comercio e da Agricultura—que ainda não foram entregues.

Os premios têm duas categorias: Premios á Rainha e ás damas de honor, e sua côrte, e os premios recompensas ao pessoal dos mercados, que concorre ás exposições, decorações, ornamentações e iluminações.

O valor dos premios excede quanto se previa. Ha-os desde o valor intrinseco de três e dois contos (seis premios destes pelo menos), até os de 1 conto, que são bastantes.

Assim os vendedores dos mercados têm a certeza da compensação ao seu esforço de bom gosto.

Os premios dividem-se assim, embora esta lista esteja sujeita a alterações para mais:

Belem, três primeiros premios, três segundos, três medalhas de 1.º premio, três de 2.º e três de 3.º premio.

Alcantara—a mesma coisa.

Mercado 24 de Julho, peixe—dois primeiros premios, dois segundos, duas medalhas de 1.º premio, duas de 2.º e cinco de 3.º premio.

Mercado 24 de Julho, agricola—dois primeiros premios, dois segundos, um terceiro, duas medalhas de 1.º premio, quatro de 2.º e cinco de 3.º premio.

Mercado 31 de Janeiro (Matadouro)—três primeiros premios, três segundos, quatro terceiros, três medalhas de 1.º premio, nove de 2.º e oito de 3.º premio.

Mercado da Praça da Figueira—três primeiros premios, cinco segundos, sete terceiros, três medalhas de 1.º premio, onze de 2.º e quatorze de 3.º.

Os premios ás Rainhas—que são riquissimos—não estão incluidos nesta lista.

O grande premio da Camara Municipal, a maior recompensa das Festas, é destinado ás exposições e concurso dos Mercados, mas só o juri dirá a qual lugar é atribuido.

O diadema da Rainha é o «Premio da Cidade», acompanhado da lembrança do ilustre Chefe do Estado, e outro premio.

Decompondo estes numeros temos: para exposições de montras e lugares, 19 premios e 36 medalhas. Para concursos de vendedeiras que mais caracteristicamente se apresentarem, 15 premios e 31 medalhas. Para as iluminações 12 premios e 25 medalhas.

A joalharia Miranda & Filhos oferece, em vez da Taça como ontem dissemos por má transmissão telefonica, um rico saco de malha em prata dourada, de grande bom gosto.

Os premios dos jornais

O *Seculo*:

Broche de arte antiga, em esmalte opalino, esmeralda finissima, pedras preciosas, ouro e diamantes, de alto valor.

O *Diario de Noticias*:

Objecto de grande valor intrinseco e artistico, que será um dos mais finos da exposição.

O *Diario da Tarde*:

Brincos em ouro velho, de lindo estilo.

O *Diario de Lisboa*:

Coração de ouro em filigrana, pedras preciosas, cordão de ouro e aplicações de diamantes.

Uma grande nota de elegancia e de arte

Os srs. Matos Sequeira e Leitão de Barros, que devotadamente se entregaram á realisação do mercado do seculo XVII, estão pensando na organisação duma sensacional nota de arte que vai, certamente, despertar o mais justificado exito de elegancia e de brilho.

Duas elegantes do seculo XVII, rigorosa e riquissimamente vestidas, descerão o Chiado num admiravel coche, vermelho e ouro, e irão fazer compras ao «Mercado de S. Domingos». Para se realisar essa curiosissima evocação e que tão bem completa a ideia do «Mercado seiscentista», conta-se com a boa vontade do actual possuidor da admiravel viatura, sr. Magno, espirito de artista culto, que tem sabido conservar intacta essa inestimavel joia de muzeu, onde o grande marquez de Valada acorria ás touradas da velha Lisboa e que, agora, piedosamente arrecadada com o coche do conde de Farrobo e outros carros sumptuosos, ha muito não vê a luz do dia.

Apesar das enormissimas dificuldades que naturalmente é preciso vencer para fazer rodar o famoso carro, tudo leva a crer que Lisboa, maravilhada com esse quadro de beleza, possa ter, por momentos, na proxima sexta-feira, um grande sonho de arte.

* * *

A casa Alberto Afonso, Lt.ª, da rua de S. Paulo, durante os dias das Festas distribue 800.000 bilhetes postais ilustrados de reclame a casas comerciais e como propaganda das Festas.

* * *

A Academia Recreativa Familiar de Belem, propõe-se realisar nas suas salas uma Festa em honra da Rainha eleita de Belem. A direcção desta colectividade entender-se-ha com a Comissão das Festas de Belem, para combinar o dia, que pode ser o proprio domingo, 25, á noite.

* * *

Durante as festas tocarão em Lisboa sete bandas: Marinheiros, Guarda Republicana, Guarnição Militar, Policia, Bombeiros, da Escola de Paiã e a Humanitaria de Palmela.

Uma festa no Albergue das Creanças Abandonadas

Realisa-se ámanhã na séde do Albergue das Crianças Abandonadas, rua de Santo Amaro, a S. Bento, uma festa extraordinaria, em que toma parte a banda da Policia, sob a direcção do seu distincto regente sr. capitão Graça.

A banda da Policia, cuja existencia partiu da iniciativa do 1.º e 2.º comandantes, respectivamente srs. tenente-coronel Ferreira do Amaral e major Rodrigues, vai ámanhã ao Albergue dar o seu primeiro concerto.

A festa desta noite no Sporting de Cascais

Realisa-se esta noite, no Sporting Club de Cascais, a festa a favor das Casas de Trabalho, promovida pelas sr.as D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena Rego, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria Cohen Espirito Santo Silva e D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, e em que tomam parte, entre algumas ilustres senhoras, D. Margarida Cambon Brandão e varias discipulas do maestro Francisco de Lacerda.

Em seguida ao espectaculo, haverá ceia e baile.

A' RODA DO "18 DE ABRIL„

COMO responde a Fernando de Sousa o publicista Quirino de Jesus

Pede-nos o conhecido publicista sr. Quirino de Jesus, a publicação da seguinte carta, em resposta a um artigo do director de *A Epoca*, sr. conselheiro Fernando de Sousa:

«Sr. director do *Diario de Lisboa*: — Absolutamente alheio a qualquer politica militante; não fazendo, por isso, parte de qualquer partido, grupo ou facção; tendo até deixado de escrever artigos, aliás apenas sobre assuntos financeiros e economicos, desde Janeiro de 1924, não me havendo manifestado contra o jornal *A Epoca* — achei-me agredido por ele insolitamente, no seu artigo editorial de sexta feira, firmado por *Nemo*.

Segundo se deduz do final do mesmo artigo, Nemo teria sabido *que eu ultimamente me aproximei de certa corrente de acção catolica*, informação que não tem nenhum fundamento.

Supôs *Nemo* que, se eu entrasse num campo de acção catolica e monarquica, no que não penso realmente, faria eu no País o contrario do que ele e *A Epoca* veem fazendo com o seu monarquismo faccioso e destrutivo, sem apoio no povo nem programa administrativo, economico financeiro e colonial, e com a sua politica religiosa anti-cristã, violenta, perigosa e condenada pelo Episcopado, em união com Roma.

Então sentiu, morbidamente, o desejo de frustar a minha suposta *aproximação!* Para isso, tomou como pretexto e ponto de partida a lenda, já desfeita, de que eu fôra, da parte do sr. José Domingues dos Santos, então no poder, convidar o sr. Raul Esteves para um movimento militar, sob pena de ir buscar apoio aos bolchevistas. E logo fez, no seu estilo irreformavel, uma historia falsa e aleivosa da minha evolução publica, desde a minha entrada no *Correio Nacional* (1893), até a minha colaboração financeira e economica na *Epoca*, pedida a mim pelo dono do jornal de acordo com ele, na *Seara Nova*, e nalguns projectos ministeriais do sr. Pestana Junior. Tudo por causa da mencionada suposição doentia e do seu odio velho, que não cansa, por lhe ter feito saltar duas vezes da mão a pena...

Nemo sabe que outro é o meu passado e que não tomei nem tomarei nunca uma atitude em contradição com ele, sem prejuizo da minha liberdade intelectual e politica. Mas escrevia aquele mesquinho artigo aos 70 anos! E fazia-o com a sabida cumplicidade do verdadeiro proprietario do jornal, que estava em Lisboa na vespera, e que, tendo recebido de mim, por longo tempo, a seu pedido, os maiores favores para si mesmo, para os seus confrades de então e para a propria *Epoca*, em situações especiais, algumas bem graves, da sua vida, sem eu nunca esperar nenhuma recompensa, achou na sua pequenez que me devia dar estas demonstrações de reconhecimento, depois de outras semelhantes.

Assim ficarão ambos e o jornal até o fim que lhes esteja destinado. Eu sei ter o respeito de mim proprio.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me — De V., etc. — *Quirino de Jesus*.

TAPETES DE BEIRIZ
Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.
Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4194

Vejam os preços baratissimos por que **A Portugal** está vendendo o seu calçado no seu deposito n.° 6, á

Rua da Palma, 126-130

A Cidade

Quereis calçar com elegancia?
Só o conseguireis comprando o vosso calçado em
A PORTUGAL
Rocio, 122 — R. da Betesga, 32

O DESCONGESTIONAMENTO...

NADA

justifica o desaparecimento do antigo Arco do Bandeira

A noticia publicada nos jornais, de que, para se «descongestionar» o movimento das ruas Augusta e Aurea, ia desaparecer o velho Arco do Bandeira, provocou em todos os defensores da estetica citadina os maiores protestos.

Matos Sequeira, o erudito e consciencioso investigador, quando lh'a demos, ia tendo uma apoplexia:

—Pode lá ser! Mas com que pretexto?

—Dizem que é para descongestionar...

—Qual descongestionar! Para os veiculos, lá estão as outras ruas. E para os peões, o movimento não é tão grande que não chegue a largura do Arco. Não vejo, pois, qualquer explicação para o atentado de lesa-arte que se anuncia, a não ser a furia de destruir que já nos tem levado tantas preciosidades...

—Disse «um atentado de lesa-arte»...

—Disse. E' que o Arco da Bandeira é uma das melhores peças de arquitectura que temos em Lisboa.

—Um pouco da sua historia...

—Depois do terramoto, começou a construção de casas no chamado estilo pombalino. Muitas delas, construidas á pressa, são reles. Mas alguns proprietarios, ricos, em obediencia ao plano traçado e ao seu bom gosto, fizeram construções magnificas. Ora aquelas casas eram dum capitalista de apelido Bandeira, que deu o nome á rua e ao Arco e que o mandou construir igual a um que ficava no Palacio da Regencia, onde foi a Inquisição e onde é hoje o Teatro Nacional. Trata-se duma peça de boa arquitectura italiana adaptada a Portugal. Depois do Teatro Nacional, o Arco é a melhor obra arquitectonica do Rossio, no meio daquela série de mamarrachos.

* * *

O autor da *Lisboa depois do terramoto* acentua a necessidade de, como antigamente, haver um plano geral de construções citadinas que evite a verdadeira e inestetica barafunda de côres e de estilos—e sobretudo de faltas de estilo...

E ainda sobre o Arco, afirma, com energia:

—Não deve cometer-se essa barbaridade! O que ha a fazer, pelo contrario, é aproveitar o Arco como motivo para o embelezamento daquela face do Rossio, libertando-o de mansardas com que o sobrecarregaram e de pinturas de mau gosto...

CELEBRIDADES ARTISTICAS

PAQUITA GARZON

Como temos noticiado, estreia-se na proxima terça feira no luxuoso Teatro Salão Foz a grande celebridade artistica Paquita Garzon.

Muito formosa e gentil, de uma graça e distinção que a todos encanta, Paquita Garzon, alia á sua graça magnifica uma elegancia encantadora. As suas «toilettes», confeccionadas nos primeiros costureiros de Paris e Madrid, marcam sempre nos meios mundanos pelo seu raro explendor e delicado bom gosto.

As recitas da incomparavel artista Paquita Garzon vão constituir um acontecimento de notavel valor artistico e de inolvidavel encanto.

No mesmo dia estreiam-se tambem os barristas comicos «Gustinos» e «Chacon y su troupe» (5 figuras), cantos e bailes aragoneses.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

QUESTÃO IMPORTANTE

Tem vivido

até hoje numa situação de favor a Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela

diz o dr. Simões Raposo

O dr. Simões Raposo, advogado distintissimo e pessoa que ás colonias tem emprestado uma grande parte da sua actividade e da sua inteligencia lucida e esclarecida, falou-nos a proposito do caminho de ferro de Benguela com o seu habitual desassombro. Poz este colonial opiniões curiosas e que achamos de toda a oportunidade transmitir aos nossos leitores, dada a autoridade especial da pessoa que as formulou.

Disse-nos o dr. Simões Raposo:

—Bem vê que eu não posso entrar em detalhes ou em pormenores. Conheço a questão porque a minha permanencia em Africa a isso me obrigou. De resto ela é tão simples que não exige larga copia de argumentos e numeros.

«Ha principios fundamentais a tratar e são esses que interessam. Interessam a colonia, interessam o paiz, interessam, enfim, todos os portuguezes.

—Quais são esses principios?

—Deixe-me que lhe resuma, em meia duzia de palavras, o estado actual do problema. Ha uma companhia concessionaria organisada para a construção da linha de Benguela. Essa companhia é, em todas as circumstancias e para todos os efeitos, representada pelo subdito inglez sr. Williams. Fez-se no ano de 1902 um contracto entre este senhor e o Estado e por esse contrato, que bem pode considerar-se modelar, o caminho de ferro devia estar concluido em 1911. Nada disso se fez, porém. Chegámos a 1911 e a linha estava muito longe do seu termo. Que fazer? O concessionario, muito simplesmente, voltou-se para o governo que com ele havia contratado e pediu uma prorrogação de prazo. Concedido.

E o nosso entrevistado prossegue:

—Vamos agora ao capitulo das compensações. Quando foi dada a concessão, o sr. Williams comprometeu-se a entregar ao governo português 10 % das acções correspondentes ao capital da Companhia. Chegados a 1911, e dado que ele não conseguia cumprir o combinado, natural era que entregasse ao Estado uma compensação suplementar. Mas, nem ele a entregou, nem o Estado se preocupou em lha exigir.

—Agora?...

—Verifica-se que o sr. Williams continua ainda muito longe de terminar a sua obra. O contrato continua tambem a não se cumprir. E o Estado? E o governo português? Cabe-nos o legitimo, mais que legitimo, direito, de pedir aos que não cumprem que nos dêm a indemnisação devida por esse não cumprimento.

—Então o sr. Williams tem sido muito favorecido?

—De uma maneira extraordinaria. Além de tudo o que lhe acabo de contar, e que já é favor bem para agradecer e considerar, ha mais. Muito mais, mesmo. Assim, a nossa lei de caminhos de ferro foi alterada em beneficio da Companhia de Benguela, que se considera, caso unico, proprietaria, e não apenas exploradora, da linha, tendo feito sobre ela as operações julgadas convenientes, indo até á hipoteca.

«Além disso, a lei de sociedades anonimas não permite a nenhuma instituição desta especie que emita obrigações num montante superior ao do seu capital realisado. E a Companhia a que me refiro tem feito as suas ultimas acquisições de capital atravez a emissão de obrigações com o proposito visivel de prejudicar os interesses do Estado, não lhe entregando as acções a que, por virtude do contrato, ele tem direito.

«Um ministro das Colonias houve, o sr. Vasconcelos e Sá, que poz as coisas no são proibindo a Companhia de fazer mais obrigações; mas logo um outro veio, o sr. Vasco de Vasconcelos, que restabeleceu a situação de favor para este organismo que vem vivendo de favores ha muito tempo.

«Ainda mais. Devendo a Companhia por contrato, perder o direito á exploração da linha, dadas determinadas circunstancias, e verificando-se embora essas circunstancias, a Companhia tem o direito de explorar 520 quilometros da linha. Como vê, uma serie de vantagens enormes. E vantagens entregues gratuitamente. O Estado tudo tem dado e nada recebeu ainda.

—Qual é, agora, a obrigação desse Estado?

—E' a provincia de Angola quem, e com justificada razão, fala neste momento. A provincia contava com a linha em 1911. O facto de a não ter acarretou-lhe prejuizos incalculaveis. Quere para esses prejuizos a indenisação devida por quem os causou. Nada mais logico, nada mais humano.

«O sr. Williams até hoje tem conseguido tudo o quer usando esta formula: «ou me dão o que eu peço ou abandono a construção.»

«Suponho chegado o momento de acabar com semelhante estado de coisas, dando-se a Angola, tão empobrecida e tão maltratada, um pouco do que o seu esforço bem merece.

Uma reconstituição

do 19 de Outubro

O grande semanario lisboeta *O Domingo Ilustrado*, publica no seu numero de amanhã, alem das suas novelas habituais e de todas as secções de distração que lhe enchem as paginas, uma sensacional reconstituição do 19 de Outubro, em uma das paginas interiores, a qual foi apreendida pela policia, no tempo do governo Manuel Maria Coelho.

"OS AZES DO SPORT"
Sai ámanhã o 5.° numero da colecção com a biografia de
CIPRIANO (do S. C. P.)
A' venda nos Campos—Preço 1 escudo

O descerramento

duma lapide

Realisa-se amanhã, ás 14 horas, a cerimonia do descerramento duma lapide, na séde dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, no largo do Barão de Quintela, com o nome do maestro Guilherme Cossoul, fundador desta benemerita instituição, em 1889 e a qual dirigiu com muita competencia. Estão convidados os membros do governo, Camara Municipal, Juntas de freguezia, chefe do distrito, etc.

Novo conflito

na Escola Comercial de Ferreira Borges

Em virtude de ter sido nomeado outro professor para a cadeira de aritmetica comercial, e não o sr. Clemente Bueno y Martins, a comissão de alunos que tratou do anterior conflito da Escola Ferreira Borges, solicitou ha 15 dias uma audiencia do sr. ministro do Comercio, de quem aguarda a resposta.

Pelos teatros

"O Pão de Ló"

E' definitivamente, na proxima quarta feira, que se efectua a inauguração da epoca de inverno do teatro Avenida, pela companhia Satanela-Amarante, organisada

ESTEVAM AMARANTE

para realizar um vasto programa de espectaculos de «vaudeville».

A peça inaugural é «O Pão de Ló», adaptação de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, fazendo, ao lado de Luiza Satanela, o principal papel, justificativo do titulo, o distincto actor-empresario Estevam Amarante, criador de tantos tipos admiraveis, desde o «Conga» da revista «O Diabo a quatro», até ao «Serrano» bisneto de «O João Ratão».

Lina Demoel

A galante «vedetta» Lina Demoel, estrela da companhia do Maria Vitoria e uma das artistas mais applaudidas do publico, pela sua graça e pelo seu espirito, tem alcançado no «Rataplan!» um magnifico e duradoiro exito, na interpretação admiravel de dois lindos numeros, o «Cocktail», e o «Claque», que todas as noites são bisados. O primeiro desses numeros acaba de ser incluido na revista o «Fogo corrido», que está sendo representado no Porto, o que representa uma homenagem á brilhante estrela Lina Demoel, que o creou com tanto brilhantismo no «Rataplan!»

Atrás do reposteiro

No dia 5 do mez passado estreou-se, no Teatro Varietá, de Lourenço Marques, a Companhia Filomena Lima-Adelina Fernandes, representando-se a zarzuela «O Pobre Valbuena» e um acto de variedades em que tomaram parte Filomena Lima, Alfredo de Sousa, Georgina Cordeiro, Ema Orlando, Penha Coutinho e João Silva Junior, fechando o espectaculo Adelina Fernandes com os seus fados á guitarra. Depois de Lourenço Marques esta Companhia segue para a cidade da Beira.

—O Teatro S. Luiz reabre as suas portas depois de amanhã com as zarzuelas «A Montaria» e a «A Canção do Olvido», desempenhadas pelos artistas: Maria Pires Marinho, Maria Laura, Sara Cunha, Amelia Figueirôa Beatriz Costa, Margarida de Almeida, Amelia Martins, Almeida Cruz, Antonio Gomes, Abilio Baptista, Sampaio, Saraiva e Alvaro de Almeida, no papel de «Fipon».

—Com a reprise da peça «Zilda» de Alfredo Cortez, reaparece na proxima semana, no Teatro Politeama, a Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, estreando-se nela a actriz Clara Baptista.

—O Teatro Nacional inaugura a sua temporada ainda este mez, com o original «Luiza» de Carlos Selvagem, que está sendo ensaiado pelo professor e societario Antonio Pinheiro, devendo os dois principaes papeis ser desempenhados pelos artistas Ester Leão e Clemente Pinto.

—Por um telegrama recebido em Lisboa, de Loanda, sabe-se que foi contemplado na loteria de Cabinda, com o premio de 1:000 contos, o actor Romualdo de Figueiredo, actualmente naquela cidade com um grupo de artistas em «tournée».

—Na peça de Antonio Ferro, «Mar alto», amanhã «reprisada» na Figueira da Foz e segunda-feira em Coimbra, o papel creado pelo actor Mario Santos vai ser interpretado pelo actor Joaquim Almada. A primeira peça da companhia Lucilia Simões-Erico Braga, depois de «O ladrão», será «O Principe João», creação do actor André Brulé, e aqui interpretado por Samwell Diniz. A seguir a esta peça subirão á scena as peças «Os novos senhores» e «O homem das cinco horas».

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADA EM 1 DE OUTUBRO DE 1847

A mais antiga e conceituada escola particular do país

20, CALÇADA DO DUQUE
TELEFONE: Norte 2619

LISBOA

CALÇADA DA GLORIA, 37
ENDEREÇO TELEGRAFICO:
ACADEMICA-LISBOA

Edificios propositamente construidos e em esplendida situação, remodelados segundo ás exigencias modernas. Aulas separadas para alunos internos e externos. Internato modelar. Quartos separados para cada aluno. Banhos diarios de aspersão, frios ou mórnos. Alimentação escolhida, variada e abundante. Tudo o que interessa a saude e o bem-estar dos alunos, a higiene do edificio escolar, a higiene corporal dos alunos, a sua alimentação e o seu desenvolvimento físico, está sujeito a uma cuidadosa vigilancia médica. Esmerada educação moral, cívica, literaria e física. Jogos desportivos. Vigilancia e disciplina rigorosas.

SERVIÇO MEDICO PERMANENTE

A ESCOLA ACADEMICA admite alunos internos, semi-internos e externos.

Os ALUNOS INTERNOS TEEM DIREITO a: casa, alimentação, médico, dentista, instrução literária, educação intelectual moral e cívica, objectos de escrita e córte de cabelo.

Os ALUNOS semi-INTERNOS TEEM DIREITO a: alimentação, médico, dentista, instrução literária, educação intelectual, moral e civica e objectos de escrita.

Os ALUNOS EXTERNOS TEEM DIREITO a: instrução literária, educação intelectual, moral e cívica.

TODOS OS ALUNOS DA ESCOLA—internos, semi-internos e externos—TEEM IGUALMENTE DIREITO SEM PAGAMENTO ESPECIAL. AO ENSINO DE: trabalhos manuais, gimnástica, esgrima de florete e de pau, canto coral e dança, sendo todo êste ensino distribuido em conformidade com as suas idades e grau de adiantamento literário.

Está aberta a matricula para as Classes infantis, Instrução primaria, Curso dos liceus e Curso comercial (4 anos), o primeiro que foi organisado em escolas particulares portuguesas, de brilhantes e comprovados resultados praticos.

Remetem-se gratuitamente, para qualquer ponto, brochuras com todas as condições de matricula e disposições regulamentares

RESULTADO DOS EXAMES NO ANO LECTIVO DE 1924-25

CURSO COMERCIAL—Aprovações: 53 (Distinções: 1)—Passagem por média: 193—Reprovaçoes: 18.
CURSO DOS LICEUS—Aprovações: 50 (Distinções: 8)—Passagens por média: 69—Reprovações: 10.
ADMISSÃO AOS LICEUS—Aprovações: 37 (Distinções: 5)—Reprovações: 1.
HABILITAÇÃO AO CURSO COMERCIAL—Aprovações: 22 (Distinções: 4)—Reprovações: 4.
CLASSES INFANTIS—Passagem por média: 34.

TOTAL	Aprovações: (Distinçõea: 18).	162
	Passagens por média.	296
	Reprovações	83

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3023 N.
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
SEXTA-FEIRA, 23
inauguração da epoca de inverno com a peça de Alfredo Cortês
ZILDA

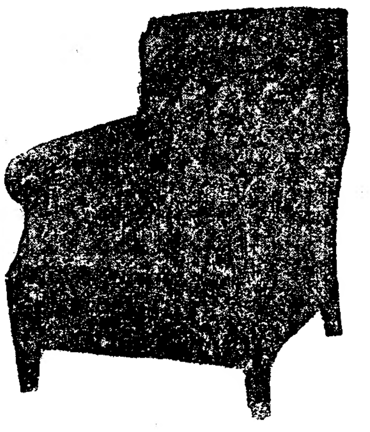
EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Soc. Com. de Teatro, Ltd.
Direcção artistica de HENRIQUE SANT'ANA
NA PROXIMA SEMANA
No país do tirismo
Revista de Antonio Carneiro e João Saraiva

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELFE. C. 3063
Sexta-feira, 23
REAPARIÇÃO da
Companhia Lucilia Simões
com a peça de Bernstein
O Ladrão

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
O Saltimbanco

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE ás 8-30 e 10-30
RATAPLAN!
GRANDE EXITO de
Lina Demoel e
ZULMIRA MIRANDA

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

TEATRO da TRINDADE
Soc. Com. de Teatros, Ltd.—Telef. C. 876
Direcção artistica de HENRIQUE SANT'ANA
Brevemente
Madame Pompadour
Opereta com musica de Léo Fall

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE A 430$00 : : FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, LOJA

DEPOSITO DE SABÃO
DE
João Gaspar Carreira
Sabonetes nacionais e estrangeiros
Artigos de vassoureiro, louças e cabazes de verga
Pomada para calçado «Aura»
Exclusivo desta casa
Fazem-se bons descontos em todos os artigos aos revendedores
28-A, Mercado da Praça da Figueira, 28-A
(Rua do Amparo)
— LISBOA —

MOBILIAS DE ESCRITORIO
Genero Americano

temos em exposição mobiliario recebido directamente da fabrica de que somos representantes em Lisboa e que vendemos a preços reduzidos.

BIZARRO DA SILVA, L.DA
RUA AUGUSTA, 82 e 84
LISBOA

AVISO
aos alunos do Conservatorio
Nova remessa de:
Violinos, Cellos, C. Baixos, Arcos, Estantes, Estojos e Cordas, desde os mais baratos aos mais luxuosos
PIANOS E ORGÃOS
(MARCAS ANTIGAS)
Harmoniums portateis
(PARA IGREJA)
Vendas por conta e preços das fabricas represent.
ARMAZEM MUSICAL
SAMUEL H. MUCZNIK
249, Rua da Madalena, 2.º
(Predio esquina Escad. Santa Justa)
TELEF. N. 4947

Izidora Hernandez Braga

FALECEU

Carlos Braga, Josefa Sanches Hernandez, Maria Hernandez Braga, Mario Braga e esposa, Maria Hernandez Coelho e seu marido, Antonio Coelho, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida e saudosa esposa, mãe, sogra, irmã, cunhada e que o seu funeral se realiza amanhã, 18 do corrente, ás 15 horas, saindo da sua residencia Rua Rosa Araujo, n.º 4, 3.º, para o cemiterio dos Prazeres.

A PATRIA
SOCIEDADE ALEMTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, r|e.
PORTO: — Rua do Almada, 287, 1.º.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E —:—:— RESPONSABILIDADE CIVIL —:—:—

ESTRANGEIRO

DR. EMILO FARO
RINS-VIAS URINARIAS-CLINICA GERAL
Rua do Ouro, 178---Telef. C. 2516
POLICLINICA DAS AVENIDAS
Av. da Republica, 6, 1.º---Telef. N. 822
RETOMOU A CLINICA

DA CHINA

PELA quinta vez O GENERAL Sun-Chuan-Fang conquistou a cidade de Shanghai

SHANGAI, 17

ESTA CIDADE FOI ONTEM CONQUISTADA PELA QUINTA VEZ PELAS FORÇAS DO GENERAL SUN-CHUAN-FANG, GOVERNADOR MILITAR DA PROVINCIA DE CHEKIANG, O QUAL E ALIADO DO GENERAL WU-PEI-FU, O MAIS PODEROSO INIMIGO DO MARECHAL CHANG-TUO-LIN, DA MANDCHURIA.

OS CONTINGENTES QUE CONSTITUIAM A GUARNIÇÃO DE SHANGAI ERAM COMANDADOS PELO GENERAL FONG-TIEN E RETIRARAM DURANTE A MANHÃ, SEGUNDO AS ORDENS RECEBIDAS EM VIRTUDE DA DERROTA SOFRIDA NOS ARREDORES DA CIDADE.

10.000 homens
tomam conta dos quarteis

Os soldados de Sun-Chuan-Fang entraram de tarde, num efectivo de 10.000 homens, ocuparam os estabelecimentos militares e as estações de Caminho de Ferro, e aprisionaram 200 homens do general Fong, que não retiraram a tempo.

O governo de Pekim parece ter deliberado entregar ao general Sun-Chuan-Fang o governo da provincia de Kiangsu, na qual Shangai se acha situada, a fim de remover qualquer oposição á conferencia das tarifas alfandegarias, que na segunda feira inicia os seus trabalhos em Pekim. — (L.)

SHANGAI, 17

Recomeçou o inquerito judicial sobre os acontecimentos de 30 de Maio, tendo sido ouvidos os polici[illegible] dados como testemunhas. — (H.)

Cosmeticos tonicos e drogas de simples aplicação local podem limpar o cabelo mas não conseguem alimenta-lo.

HUMAGSOLAN
O ALIMENTO DOS CABELOS

É um produto scientifico, absolutamente inofensivo, que sustenta o bolbo piloso e faz crescer o cabelo.

A venda nas boas farmacias e drogarias

IGNIS

AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

A CONFERENCIA DE LOCARNO

Os discursos de Stressmann e de Briand

depois de se ter assignado o pacto de segurança

LOCARNO, 17—No discurso que pronunciou na conferencia, Stressmann, ministro dos Negocios Estrangeiros da Alemanha, declarou que os delegados alemães, conscios das suas responsabilidades, apuzeram a sua rubrica sincera e alegremente no protocolo final, confiados em que as consequencias politicas dos tratados concluidos sejam especialmente vantajosas para o povo alemão e que a conferencia de Locarno seja o começo de um periodo de colaboração cheio de confiança entre as nações.

Depois da resposta dada por Briand, o sr. Vandervelde, ministro dos Negocios Estrangeiros da Belgica, associando-se ás suas palavras, sublinhou que o tratado concluido não comporta sacrificios para ninguem e que a todos assegura vantagens que com o tempo se hão de desenvolver.

Em seguida Vandervelde exprimiu a esperança de que a desconfiança de ontem dará logar amanhã á «d'etente», á confiança e ao desarmamento moral, condições estas necessarias e suficientes para o desarmamento material.

Chamberlain e Mussolini associaram-se ás palavras dos oradores anteriores e congratularam-se pela conclusão dos acordos.—(H.)

LOCARNO, 17.—Em resposta a Stressmann, o sr. Briand associou-se ás suas palavras e acrescentou que o gesto que a conferencia de Locarno acabava de realisar deve marcar o começo de uma era de confiança e colaboração da França e da Alemanha, a fim de se resolverem as dificuldades pendentes e que, pela sua parte, a França envidará todos os esforços para que deste pacto resulte entre os dois paises um sentimento de apaziguamento e «détente». Estando resolvidas entre os dois paises as questões pendentes entre eles, os dois paises trabalharão em comum, em todos os dominios, para a realisação deste ideal, que é o da França, «podendo a Europa cumprir o seu destino e permanecer fiel a todo o seu passado de civilisação e de nobreza.

Briand concluiu por manifestar a esperança de que os dois paises em breve gosarão os beneficios desta politica.—(H.)

A conferencia
vai discutir a entrada da Alemanha na S. D. N.

LOCARNO, 17.—O pacto europeu de segurança, o qual garante a neutralidade das zonas desmilitarizadas do Rheno, foi assinado ontem á noite pelos representantes da França, Inglaterra, Belgica, Alemanha e Italia.

Segundo o comunicado oficial, a conferencia ocupa-se agora do acôrdo que ha-de conduzir á entrada incondicional da Alemanha na Sociedade das Nações, afim dos diversos parlamentos poderem ratificar o pacto e os tratados de arbitragem que o acompanham.

Os protocolos, após a ratificação, serão assinados em Londres no dia primeiro de dezembro e uma sessão especial da Sociedade das Nações será convocada para 16 do mesmo mês para a admissão do Reich.—(L.)

LOCARNO, 17.—A conferencia resolveu que os acordos, que foram hoje rubricados, sejam publicados no dia 20 do corrente e assinados em Londres no dia 1 de dezembro de 1925.—(H.)

LOCARNO, 17.—As negociações entre a Polonia, Tcheco Slovaquia e a Alemanha chegaram a um acordo sobre a formula da arbitragem.—(L.)

INAUGURA-SE AMANHÃ
a exposição de malas e carteiras e mais novidades adquiridas na Exposição de Artes Decorativas de Paris, na Casa Bastos = Silva, L.da---Rua de S. Nicolau, 81 =

MADAME VALLE
Robes, ManteauX, Chapeaux pour dames
RUA PASCOAL DE MELO, 9 — TELEFONE N. 1401
PARTICIPA ás suas Ex.mas clientes que abriu hoje o seu atelier para a estação de inverno, com um variado sortido de modelos adquiridos nas principais casas de Paris

DE FRANÇA

SERÁ necessario MANTER-SE o cartel radical para defeza da politica franceza

PARIS, 17

Herriot, discursando em Nice, na sessão de abertura do congresso radical e radical-socialista, declarou ser necessario que o cartel se mantenha unido para que a França possa enfrentar todas as dificuldades que a assoberbam.

Referindo-se á guerra de Marrocos, afirmou que as tropas francesas levantam o prestigio da nação que uma agressão injustificada dos mouros pretendeu abater.

A politica seguida em Marrocos—ajuntou—é a unica compativel com os tratados internacionais.

O congresso aprovou, por unanimidade, uma moção em que se preconisa a necessidade urgente de uma lei sobre seguros sociais. — (L.)

Caillaux
e as reformas democraticas

NICE, 17

Caillaux, dicursando no congresso radical, aqui reunido, declarou que a França deve pagar ainda 20 biliões pelas regiões libertadas e possui dividas a curto praso, a totalidade dos vencimentos das quais póde atingir este ano 22 biliões, atingindo a divida fluctuante 55 biliões e que o actual emprestimo deve finalmente reduzir as dividas inter-aliadas.

Caillaux acrescentou que apresentara um projecto de orçamento que entra resolutamente na via das reformas democraticas. Nesse projecto taxa a mais de 63 por cento as reservas da opulencia. Ele, orador, não recuará nunca perante as reformas audaciosas e combaterá energicamente a demagogia financeira, que é prejudicial á Republica e á nação e que tem por fim enganar as massas.

Caillaux concluiu o seu discurso, preconisando as reformas democraticas, mas com calma e paciencia. — (H.)

PARIS, 17

O maire de Saint Denis, comunista, foi suspenso das suas funções por um mês em consequencia da atitude dubia que tomou quando da tentativa de greve geral de 24 horas. — (L.)

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela. 13, 1.º Esquerdo.

Policlinica do Conde Barão
Largo do Conde Barão, 12, 1.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1|2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas—Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Brum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.
Raios X — Massagens

Marino Sepulveda Affonso e S. Lloyd
SOLICITADORES
mudaram os seus escritorios para a R. de Santa Justa, 75, 1.º
TELEFONE N. 816

ULTIMAS NOTICIAS

TIVOLI TELEF. N. 6474
HOJE—ás 8-45—HOJE
A AVÓ
Harold, neto amimado
Uma cine-revista

O PÃO

OS INDUSTRIAIS

independentes reuniram hoje

havendo violentos discursos

Os industriais das padarias independentes reuniram hoje, na sédo do seu sindicato, para se ocuparem do decreto que dentro em breve deve ser publicado, diminuindo dez centavos no preço de cada quilo de pão.

* * *

O presidente, sr. João Baptista de Barros, subindo ao estrado, agita a campaínha e convida os presentes a' tomarem os seus logares.

O sr. Agostinho dá conhecimento á assembleia de que ha dois projectos para o aumento de 240 em quilo de farinha.

—Um é feito pela Moagem e o outro pela Bolsa Agricola. Destes dois projectos, ficou de pé o da Bolsa Agricola. Com o novo diagrama, a Moagem ganha 120 em cada 75 quilos de farinha! O pão baixa um tostão em quilo, mas peora três vezes em qualidade! Com a lotação de metade de farinha de 1.ª e metade de 2.ª, não se póde fabricar pão melhor.

Entusiasmando-se:

—A gente da Bolsa Agricola está toda de mãos dadas com a Moagem! O sr. Amaral Neto, encarregado de fazer um relatorio sobre os projectos, não se importa com os interesses do publico, nem dos padeiros! Isto não oferece contestação! Ele disse-me que não podia modificar o diagrama, de harmonia com o nosso pedido, porque era necessario dar *um caldinho* á Moagem, visto que ela estava a perder! Afirmou-me tambem, que nós podiamos arranjar uma fabrica de moagem por 10 réis de mel coado!

O sr. Augusto Pereira sauda o agente da autoridade, a imprensa e o presidente. E voltando-se para a assistencia, pergunta se o ministro da Agricultura está feito com a Moagem.

O sr. Agostinho, em áparte, declara que nem o ministro, nem o director da Manutenção Militar, estão feitos com a Moagem.

O orador, continuando, afirma que a Moagem está comprando o trigo mais barato do que estipula a tabela, sem o menor respeito pela lei.

—Querem que os independentes estejam sempre debaixo da sua tutela. E assim, não querem aprovar os 25 por cento que nós lhes apresentamos. As leis só são para os padeiros independentes.

O sr. dr. Amandio de Campos, representante da Sociedade de Padarias, diz que a Bolsa Agricola não ouviu a sociedade que representa.

—Quem domina é a Moagem; ela é que dá leis e manda em toda a gente. Eles o que pretendem é apresentar a farinha extra por preço igual ao da outra. Se o decreto sair tal qual está, dá margem á Moagem para boas gratificações. No entanto, metade das padarias da Sociedade que represento deram prejuizo o mês passado.

Uma confidencia:

—Eu disse uma vez ao sr. Torres Garcia: «Nós queremos fugir ao roubo; nós só com a fraude podemos viver, comprando os fiscais e roubando! Portanto, o que temos a fazer é ir á Bolsa Agricola».

A sessão continua á hora a que escrevemos.

* * *

Uma nota interessante:

Quasi todos os industriais foram manipuladores de pão e militantes da sua classe.

POLITICA CONSERVADORA

"Não é com as eleições do dia oito de novembro que se resolve a crise„

diz-nos Lelo Portela

membro do Directorio Nacionalista

Para a historia deste agitado periodo eleitoral que tantas suprezas nos tem dado e tantas surprezas nos reserva ainda, fala hoje o dr. Raul Lelo Portela. Parlamentar cheio de merecimento, antigo ministro cuja acção na pasta da Justiça foi de modo a concitar simpatias e a provocar elogios, o dr. Lelo Portela, que é agora membro do directorio do partido nacionalista, disse-nos o seguinte:

—O meu partido conta trazer á Camara trinta a trinta e cinco deputados. Numeros certos. Numeros arrancados ao calculo seguro das possibilidades eleitorais dos varios agrupamentos e dos varios candidatos.

—Os nomes?

—Têm vindo em todos os jornais. Temos tido um grande escrupulo na sua escolha. Para isso, o directorio tem reunido todos os dias e muito tem trabalhado. Temos a certesa de trazer ao Parlamento um conjunto brilhante e capaz de exercer aquela acção fiscalisadora que tem de ser, neste momento, norma de vida para o agrupamento em que milito.

—Ir ao governo?...

—Não podemos pensar nisso. Veja o que se passou, considere bem os homens e os acontecimentos, e diga-me depois se os nacionalistas podem pensar em ir ao poder. Porque sejam menos patriotas do que os outros? Porque sejam menos republicanos do que os outros? Não.

Simplesmente porque o partido democratico detem o monopolio do poder e não o quere abandonar, mesmo perante as mais graves consequencias.

E depois de uma pausa:

—Se esse monopolio continuar a fazer-se sentir, e eu não tenho, dizendo isto, o proposito de passar como profeta, mas se continuar creia que nunca mais deixaremos de assistir a sucessivas e cada vez mais irritadas perturbações de ordem publica. Porque manter esse monopolio é identificar, ligar indissoluvelmente o regimen ao partido democratico. Ora não ha regimen nenhum que resista tendo de viver apenas encostado a uma facção. Os democraticos, inutilisando as soluções nacionalistas, inutilisam, embora o não sintam e o não pressintam, a propria solução republicana dentro de Portugal.»

Arriscámos uma pregunta:

—Diz-se que os acordos eleitorais já feitos entre democraticos e nacionalistas sossobraram?

Retomando o fio perdido do seu proprio raciocinio o nosso interlocutor vai acrescentando:

—Os democraticos estão prestando á nação o peor de todos os serviços. Porque a nação se horrorisa perante esta perspectiva de mais três anos de gabinetes saídos do P. R. P.

—Então a crise?

—Mantem-se. E o parlamento que vier não a resolve. De maneira nenhuma.

—Para a resolver era preciso?...

—Aquilo que os homens do democratismo não querem fazer.

—V. ex.ª acredita numa crise presidencial?

—Essa existe de facto e de direito ha alguns mezes. Desde aquele momento em que o Chefe do Estado e o partido Nacionalista se incompatibilisaram.

—E na renuncia?

—Tenho ouvido falar dela. Não desejo pronunciar-me. Bem vê que as previsões dos homens valem adentro de uma certa relatividade estabelecida e marcada pelos acontecimentos. E quem póde auscultar, adivinhar os pensamentos e os desejos do sr. Presidente da Republica?

—Quanto a V. Ex.ª portanto...

—A crise mantem-se. Não a resolve o Parlamento, se ele fôr eleito.

—Fala-se tambem em adiantamento...

—Isso é com o governo e eu sou da oposição. Mas talvez. Olhe: a nós, nacionalistas, é que tanto faz que o acto eleitoral se realise a 8 como a 22. Completamente indiferente. Ponto é que ele se realise.

«Mas, repito, não é com o acto eleitoral que se resolve a crise politica portuguesa.

AS NOSSAS COLONIAS

Terminou a conferencia

MOÇAMBIQUE-UNIÃO SUL-AFRICANA

devendo as negociações prosseguir em Pretória

LONDRES, 17.—O «Times» publica um telegrama, que ontem recebeu de Johannesburgo, dizendo que os rapidos progressos que fizeram as negociações levadas a efeito em Lourenço Marques entre a União Sul Africana e os representantes da provincia de Moçambique deram em resultado ter acabado a conferencia.

As negociações prosseguirão em Pretória, no mês de novembro.

E' provavel que uma nova convenção por dez anos seja assinada.

Os problemas do porto e do caminho de ferro, que já estão concluidos, serão a base do trafego adicional para a garantia de Lourenço Marques.—(H.)

DE LUTO

D. Antonia do Carmo Campos

Na sua residencia, Rua dos Industriais, 7, 4.º, faleceu hoje, ás 8 horas, a sr.ª D. Antonia do Carmo Campos, de 60 anos de idade, mãe do nosso camarada de imprensa sr. A. de Campos Junior, director do jornal *Os Sports*, a quem apresentamos sentidas condolencias.

O funeral da desditosa senhora realisa-se ámanhã, ás 10 horas, para o cemiterio da Ajuda.

A FUGA

dos três legionarios

O comandante do vapor «Africa», já respondeu ao «radio» que lhe foi enviado, com respeito aos legionarios João Ferreira, o «João Estofador», Mario Fontainhas e João Soares, o «Malatesta», que fugiram de Cabo Verde, dizendo ter passado uma minuciosa busca ao navio, onde não foram encontrados.

As autoridades adoptaram já outras providencias no sentido dos mesmos serem capturados.

POLITICA

OS ARSENALISTAS

e as palavras que nos disse

o dr. José Domingues dos Santos

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Director:—Tendo o conceituado jornal que V. tão proficientemente dirige, publicado ontem uma entrevista com o ex.mo sr. dr. José Domingues dos Santos, vimos que, a proposito de uma carta dirigida aos jornais, sobre acordos eleitorais com a classe arsenalista de Marinha, que os signatarios desta tambem subscreveram, S. Ex.ª declarára o seguinte: «Isso é apenas dum grupo de arsenalistas, que não pode falar em nome de uma classe».

Ora, não cremos que em nenhuma das passagens da supra referida carta se pudesse interpretar que os seus signatarios falavam em nome da classe, mas visto que foi essa a interpretação que S. Ex.ª lhe deu, permita-nos que lhe observemos que tambem o grupo de arsenalistas de marinha, que «negociou» o acordo eleitoral com S. Ex.ª, não lhe dá o direito de dizer «Temos acordos com o pessoal dos Arsenais... onde temos delegados da esquerda», mas sim «Temos acordos com varios delegados da Esquerda, nos Arsenais. De resto, nós não manifestámos qualquer desacordo que possa levar á convicção de que discordamos em absoluto com a acção dispendida por S. Ex.ª, ou que não concordamos—por quaisquer motivos reservados—com a inclusão do nome do nosso presado camarada José Tavares dos Santos, na lista das Esquerdas. Simplesmente afirmamos que a classe a que pertencemos, não foi consultada de forma que pudesse claramente manifestar-se sobre o assunto. Eis a razão dos nossos reparos. Nada mais.—De V., etc.—Raul d'Almeida, Jaime d'Oliveira Fonseca, José Correia da Silva, Mario Alves de Figueiredo, Francisco M. Fernandes, Alberto Conceição, José Correia de Carvalho, Raul Carvalho da Silva, Carlos A. Manuel, Salvino Candido F. Macedo, Augusto Borges, Alvaro Vieira da Silva, Augusto Godinho.

* * *

Afirmava-se hoje na Arcada que ia ser nomeado governador da Guiné, na vaga do sr. tenente-coronel Velez Caroço, o comandante sr. Alberto Carlos Aprá, capitão de fragata, muito distinto e que já ali esteve como governador interino e como comandante dos Portos. O comandante Aprá, ainda ha pouco convidado para ministro das Colonias, esteve nove anos na Guiné e deixou lá profundas saudades como governador interino.

O CIRCUITO HIPICO

CHEGOU A ELVAS

o primeiro concorrente

Um telegrama de Vila Viçosa, recebido esta manhã em Lisboa, informa terem ali chegado á 1,45 da madrugada de hoje o capitão Xavier Frazão e ás 6,30 o civil sr. José Tanganho.

Outro telegrama da Vidigueira anuncia terem ali chegado as patrulhas 3, 5 e 2 e os cavaleiros tenente Morais Sarmento e o civil José Morais, sendo-lhes feita á chegada uma entusiastica recepção.

A' tarde recebeu-se novo telegrama, de Elvas, comunicando ter ali chegado o capitão Xavier Frazão.

CAMILLO RODRIGUES & C.A

Platina pura a 72$00, colares de perolas e pedras finas em lotes e a retalho.

Rocio, 93, 3.º Tel. Norte 812